

INDICE

1. ACTO

LEONOR TELES

Crónica dramática em 2 ACTOS

por

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Teatro da Trindade

(T. N. P.)

1960

I N D I C E

(continuação)

1º. A C T O

	- PRÓLOGO	- Pag.	1
CENA - I	- CLAREIRA	- Pag.	3
CENA - II	- SALA DE LAVOR	- "	10
CENA - III	- PRÓLOGO	- "	18
CENA - IV	- SERÃO NO PAÇO	- "	19
	- PRÓLOGO	- "	26
CENA - V	- MONTARIA	- "	27
CENA - VI	- CÂMARA DE MARIA TELES	- "	33
CENA - VII	- CÂMARA DE LEONOR	- Pag.	38
CENA - VIII	- CASA DO MESTRE D'AVIZ	- "	45
CENA - IX	- RUA DE LISBOA	- "	49
CENA - X	- APOSENTOS DE D. FERNANDO	- "	54
CENA - XI	- PRÓLOGO	- "	66
CENA - XII	- BEIJA-MÃO	- "	69
CENA - XIII	- ESTALAGEM	- "	73
CENA - XIV	- TRATADO	- "	80
CENA - XV	- PRÓLOGO	- "	82
CENA - XVI	- APOSENTOS DE LEONOR c/ ANDEIRO (xadrez)	- "	82
CENA - XVII	- ARRAIAL (cêrco)	- "	84
CENA - XVIII	- CÂMARA DE LEONOR (parto)	- "	87
CENA - XIX	- CASA DE FERNÃO VASQUES	- "	90
CENA - XX	- SALÃO DA INFANTE	- "	93
	- PRÓLOGO	- "	97

PERSONAGENS

I N D I C E (continuação)

Prólogo			
Leonor Teles			
Maria Teles			
Inês Afonso			
Mafalda			
Infante D. Beatriz			
CENA - XXI	- CONSTRUÇÃO DA CERCA	- Pag.	99
CENA - XXII	- APOSENTOS DA RAINHA c/ RUI PAIS e	'	
D. Fernando	ALMIRANTE (Lançarote)	-	100
CENA - XXIII	- CANIL	-	104
CENA - XXIV	- PRÓLOGO E ASSASSINATO DE		
João Afonso Teles	MARIA TELES	-	111
João Lourenço da Cunha		e	113
Vasco de Abrú	- PRÓLOGO	- Pag.	114
CENA - XXV	- LUTO	-	115
CENA - XXVI	- CASA DO MESTRE D'AVIZ	-	119
CENA - XXVII	- CORREDOR	-	123
CENA - XXVIII	- SONHO DE D. FERNANDO (ó-ó)	-	125
CENA - XXIX	- CASA DE ÁLVARO PAIS	-	130
CENA - XXX	- RELATO DA GUERRA (Alviçaras)	-	135
CENA - XXXI	- CORREDOR (Mestre e Nun'Álvares)	-	140
CENA - XXXII	- APOSENTOS DA RAINHA (c/ ANDEIRO,		
Diogo Lopes Pacheco	MESTRE D'AVIZ e GONÇALO VASQUES)	-	143
CENA - XXXIII	- PRISÃO	-	147
CENA - XXXIV	- LEONOR, BARCELOS e D. FERNANDO	-	151
CENA - XXXV	- PRISÃO	-	157
CENA - XXXVI	- CASA DE ÁLVARO PAIS (conjura)	-	160
CENA - XXXVII	- MORTE DO ANDEIRO	-	172
CENA - XXXVIII	- PRÓLOGO	-	180
CENA - XXXVIII	- O POVO JUNTO DO PAÇO	-	181

Estreia em 20-4-960,
na Teatro da Trindade,

a. amada

M-11111

Terminou em 29-5-960
(continuação) I N D I C E (45 na página 2598)

2.º A D T O

99	-	Pag.	-	CONSTRUÇÃO DA CENSA	-	XXI	CENA -
100	-		-	AFOSENTOS DA RAINHA (c/ RUI PAIS e	-	XXII	CENA -
104	-		-	ALMIRANTE (Lancarote)	-	XXIII	CENA -
111	-		-	CAMIL	-	XXIV	CENA -
113	-		-	PRÓLOGO E ASSASSINATO DE	-		
114	-		-	MARIA TEIXEIRA	-		
115	-		-	PRÓLOGO	-	XXV	CENA -
119	-		-	LUTO	-	XXVI	CENA -
123	-		-	CASA DO MESTRE D'AVIZ	-	XXVII	CENA -
125	-		-	CORREDOR	-	XXVIII	CENA -
130	-		-	SOMNO DE D. FERNANDO (ô-ô)	-	XXIX	CENA -
135	-		-	CASA DE ÁLVARO PAIS	-	XXX	CENA -
140	-		-	RELATO DA GUERRA (Alvares)	-	XXXI	CENA -
143	-		-	CORREDOR (Mestre e Hum'Alvares)	-	XXXII	CENA -
147	-		-	AFOSENTOS DA RAINHA (c/ ANDRÉ)	-	XXXIII	CENA -
151	-		-	MESTRE D'AVIZ e GONÇALO VASQUES	-	XXXIV	CENA -
157	-		-	PRÍMIO	-	XXXV	CENA -
160	-		-	LEONOR, BARCELOS e D. FERNANDO	-	XXXVI	CENA -
172	-		-	PRÍMIO	-	XXXVII	CENA -
180	-		-	CASA DE ÁLVARO PAIS (conjura)	-		
181	-		-	MORTE DO ANDRÉ	-		
	-		-	PRÓLOGO	-		
	-		-	O POVO JUNTO DO PAÇO	-	XXXVIII	CENA -

PERSONAGENS

Prólogo
Leonor Teles
Maria Teles
Inês Afonso
Mafalda
Infante D. Beatriz
Mulher de Fernão Vasques
D. Fernando
Conde de Barcelos
João Afonso Teles
João Lourenço da Cunha
Vasco de Abreu
D. João
D. Diniz
Mestre d'Aviz
Aires Gomes da Silva
Gil Vasques de Resende
Nun'Alvares
Diogo Lopes Pacheco
João Fernandes d'Andeiro
Fernão Vasques
Frei Roy

Francisco Ribeiro
Emília Nunes
Carolina Dolores
Josefina Filha
Ferreira Cottineira
Florhela Queiroz
Lucia Maria da
Rogério Paulo
Assis Pacheco
Carlos Waltherstein
Eduardo Campos
Mário Fagundes
André Pereira
Couto e Castro
Fernando Gusmão
Virgílio da Silva
Mário Santos
{ João Lourenço
Vitor Ribeiro
Pizamon Beirão
Jorge Costa
Amândio Cortez
Costa Ferreira

Corregedor
Rui Pais de Ribela
Tanoeiro
Petintal
Arrais
Capitão de Bésteiros
Lavrador
Vindimador
Barqueiro
Roger Hoar
Físico-Mór
Capitão

Fernando Soares
Vasco Gil
Nicola Breyner
Aurelio Caldas
Alfredo Amaral
Mário Fagundes
Fernando Soares
Benjamin Pacheco
Carlos Fousca
António Loureiro
José Monteiro
Fausto Correia

2º A C T O

Álvaro Pais
João das Regras
Gonçalo Vasques
Pedreiro
João Gonçalves
Vasco Martins
Rui Pereira
1º Cavaleiro

Costa Ferreira
Aurelio Cortez
Luiz Campos
Mário Fagundes
Aurelio Caldas
Pizani Breyner
Nicola Breyner

2º

"

3º

"

PRÓLOGO

Diante do cortinado principal, entra o PRÓLOGO.

Faz uma profunda vénia, e diz:

Senhores, perdoai a desusada aparição: eu sou o PRÓLOGO. Levai à conta de moderna ousadia o restauro de um bom costume antigo, que assim vos parecerá melhor de cada vez que me virdes tornar à vossa presença, a trazer-vos recados do Autor. E o primeiro recado é este: usai de vossa fértil imaginação para vos transportardes no tempo e no espaço, recuando cerca de seiscentos anos, galgando montes e vales para irdes atrás da côrte, correndo Portugal de lés-a-lés, de Lisboa a Leça do Bailío, de Leça a Santarém, a Evora, a Extremoz... Na história que vos conto, há muito para ver: amor e ódio, lealdade e traição, candura e manha, guerras e pazes. Como na crónica d'el-rei Henrique, o Quinto de Inglaterra, cantada pelo velho Bardo inglês, também aqui vereis duas altivas monarquias frente a frente. Mas nestas a altivez pende mais para uma banda, posto que a outra, como às vezes aconteceu, se deixava esmorecer ^{então} ~~ao tempo desta história~~ numa tristeza que, não sendo ainda apagada e vil, já era duvidosa. O rei formoso e bom que a governava era melancólico e mudavel, presa fácil de maus conselhos ou caprichos de mulher. E que mulher, Senhores, lhe reservara a fortuna! O branco enleio dos braços de Leonor prendeu Fernando aos mais negros ardís. Valeram ao reino os anciãos avisados e os jovens sem temor. Estes, principalmente. E o povo, a arráia miúda, que foi a

primeira do Mundo a levantar-se para dizer a verdade ao seu rei. E à frente da revolta, do alçamento, estiveram aqueles príncipes bastardos nascidos dos amores d'el-rei D. Pedro com Tereza Lourenço e com a linda Inês. Coisa de espanto foi essa, senhores: salvar-se a ^{honra} ~~firmesza~~ do trono e a ~~honra~~ ^{firmesza} do reino por graça de bastardos, que souberam levar o povo com eles! ~~que nestes reinos, antes ou depois, jámais foi coisa desonrosa a bastardia.~~ Ora vinde comigo até às margens do Alva, em plena Beira. Ali encontrareis a montear, pois nenhum mestér lhe é mais grato, a João lourenço da Cunha, senhor do morgado de Pombeiro. E a ter com ele, vindos de Lisboa, vereis dois cavaleiros acompanhando uma dona de luto, formosa e nobre. ^{SOM-1} (Ouvem-se trompas de caça, o tropel da montaria que se aproxima) - Eylo vai!... Eylo vai!... Os alãos de Pombeiro acossam o cerdo bravo... João Lourenço não tardará em lanceá-lo... Perdoai, mas não posso perder tão bela montaria. (Vai a sair, mas volta atrás) Outra coisa ainda. Não estranheis a linguagem em que as figuras vão falar. Posto que falam umas com as outras e não convosco, não poderiam usar, para se entenderem, senão a que corria àquele tempo. Conto que a entenderéis tão bem como eles a entendem. Que seria desesperar de tudo, se os portugueses de hoje fossem surdos à voz da sua própria eternidade. (Sái, enquanto cresce o arruído da montaria. - Corre-se a cortina sobre a...

C ← SOM 2
F

os portugueses de hoje fossem surdos à voz da sua própria eternidade. (sáí, enquanto cresce o arruído da montaria. - Corre-se o cortinado sobre a...

C E N A I

Clareira dominando o vale do Alva, à vista do castelo de Pombeiro. Maria Teles, seu irmão João Afonso Telo de Menezes e seu tio, o velho Conde de Barcelos, seguem os lances da caçada que corre junto ao rio.

A quem devo tal honra? BARCELOS
Grande monteiro é vosso cunhado, Maria. Com que dextreza lanceou o cerdo, sem tocar nos cães.

Deus vos guarde, JOÃO AFONSO
E que formosa matilha de alãos! Nunca os vi mais velozes e valentes!

Ora de grande honra MARIA
Não vejo nossa irmã. Teria ficado para trás?

Assim o subre BARCELOS
Não creio que acompanhe o marido em tais andanças. Bem sabeis que D. Leonor não é dada ao ofício de montar.

É flor de altura MARIA
Lá isso não. E há-de ficar contente com o rogo da Infante para que volte à côrte.

Tráí-vos-ia já, JOÃO AFONSO
Assim o marido ~~consinta~~ *dê licença*.

Deus vos guarde, MARIA
Porque não há-de ^{dar} ~~consentir~~? É subida honra.

BARCELOS

Decerto. Faremos o que estiver em nossa mão. Mandeí um nosso escudeiro preveni-lo de que estávamos aqui.

JOÃO AFONSO

Ei-lo aí vem.

(Dirigem-se os tres ao encontro de João Lourenço da Cunha, que vem acompanhado por outro fidalgo, Vasco de Abreu)

JOÃO LOURENÇO

(com grande efusão) Deus guarde o senhor Conde de Barcelos!...

A que devo tal honra, senhor tio?... E vós também, mana!...

E vós, João Afonso Telles!...

BARCELOS

Deus vos guarde, João Lourenço da Cunha. Viémos de longada até à Beira só por falar-vos.

JOÃO LOURENÇO

Obra de grande monta deve ser, que tão longe vos trouxe.

BARCELOS

Asinha o sabereis. D. Leonor não é convosco, ao que vejo.

JOÃO LOURENÇO

Não. Ficou em casa, com as aias e o menino. Bem sabeis que é flor de altura, que os rudes trabalhos da caça poderiam fanar.

MARIA

Irei vê-la já, se mo consentís.

JOÃO LOURENÇO

Decerto. Ide prestes, que grande alegria lhe dareis. Anda menencória e triste, de há meses acá.

MARIA

(inquieta) Por quê? Que tem Leonor?

JOÃO LOURENÇO

Não será coisa de cuidado. Mas cuidai vós de o saber, que a mim, que sou seu marido, nunca o disse. (ao fidalgo que veio com ele) Vasco de Abreu, acompanhai a senhora D. Maria Teles, e levai-a a D. Leonor.

MARIA

Até logo. (sáí com Vasco de Abreu).

JOÃO LOURENÇO

(que esteve a vê-la sair) Fica-lhe bem o luto. Dir-se-ia mais formosa desde que enviuvou. Mas prefiro vê-la de viúva a ela, a que vós visseis D. Leonor vestida de dó, que então o morto seria eu. (cantarola) "Queria me lh'eu gran bem querer... Mas non queria por ela morrer..." (todos riem. Tomam assento nuns penedos) Que novas me trazeis então e quê mandais de mim?

BARCELOS

Grandes novas, senhor João Lourenço: a guerra acabou.

JOÃO LOURENÇO

Prouvera a Deus que nunca houvesse começado. E como se deu tal?

BARCELOS

El-rei nosso Senhor firmou pazes com Henrique de Trastâmara em Alcoutim, e ficou ajustado o casamento dele com a infante D. Leonor, herdeira de Castela.

JOÃO LOURENÇO

São grandes novas, na verdade. E vejo que al-rei D. Fernando muito prazem as damas que têm por nome Leonor... (Barcelos sorri). Com esta já são duas a quem promete casamento.

~~JOÃO AFONSO~~

~~Como assim? que a palavra de um rei vale todas as guerras.~~

~~JOÃO LOURENÇO~~

~~Não sabeis, senhor meu cunhado, que a infante de Castela é a segunda Leonor a quem el-rei promete casamento?~~

~~JOÃO AFONSO~~

Bem sei.)

~~É isso. Antes tratara casar-se com D. Leonor de Aragão.~~

~~JOÃO LOURENÇO~~

Essa primeira Leonor, que dizem muito feia, servia de penhor à ajuda que el-rei D. Fernando pediu ao pai dela, el-rei D. Pedro de Aragão, na guerra que então fazia ao pai da outra Leonor, a de Castela, com quem agora quer casar. Vosso tio que aí está poderá contar-vos tudo por menor, como embaixador que foi à côrte de Barcelona, para trazer com ele a infante e sentá-la no trono de Portugal.

~~BARCELOS~~

Vejo que o isolamento em que estais vos não impede de estar ao corrente de todas as novas.

~~JOÃO LOURENÇO~~

É pecha de caçador, ter os olhos e os ouvidos bem apurados. Mas nem sempre o que se vê e ouve nos apraz. Desgosta-me que el-rei não mantenha o que tratou, como a sua honra cumpria.

~~JOÃO AFONSO~~

Era preciso acabar a guerra...

~~JOÃO LOURENÇO~~

Se para tanto lhe bastou trocar uma Leonor por outra, parece-vos baixo o preço?...

~~JOÃO AFONSO~~

(embaraçado) Não direi tal...

JOÃO LOURENÇO

Pois eu digo que a palavra de um rei vale todas as guerras.
 (ao conde de Barcelos) Dizei-me, senhor conde, D. Leonor de Aragão é assim tão feia quanto se diz?

BARCELOS

Quem vos disse tal? De corpo e gesto a natureza lhe deu tão boa parte, que nenhum senhor se descontentaria de a haver por mulher. Pelo que vos ouvi, pressinto que vos haverão contado as coisas ao revés: que eu fugi de noite, numa galé, arriscando todo o haver que levava para pagar a ajuda de Aragão à guerra contra Castela, por não casar el-rei com tal mulher, tão feia era ela.

~~JOÃO LOURENÇO~~

Assim corre por aí. Não é isso verdade?

~~BARCELOS~~

Não. E melhor fôra não dizer tais coisas, pela má fama que delas fica a algumas pessoas. A verdade é que eu não saí de Barcelona com escândalo, nem por desavença ou desacordo com el-rei D. Pedro; antes por sua licença, com sua graça e pagamento. Trouxe comigo a corôa d'ouro e todalas outras jóias que levava para dar à infante. ^A A infante só não veio comigo porquanto não havia ainda dispensação do Papa para os esponsórios.

JOÃO LOURENÇO

Antes assim. Mas o casamento foi desfeito, apesar das palavras de presente trocadas na igreja de São Martinho entre el-rei D. Fernando e Mossé João de Vilaragut, procurador da infante D. Leonor.

BARCELOS

Vejo que nada vos escapa. ~~Mas Afonso Fernandes de Burgo e~~
~~Micé Madasal Despinolla, que foram comigo na embaixada, fica-~~
~~ram em Barcelona por arreféns até que a guerra fôsse acabada,~~
~~como já é.~~

JOÃO LOURENÇO

~~Sim, mas de modo bem diferente do tratado com el-rei D. Pedro~~
~~de Aragão, que decerto não ficará contente.~~ E não quereria eu
 sustentar-me à custa do haver que lá ficou, pois é haver per-
 dido.

BARCELOS

Não voltei a ter novas de Aragão dês que deixei Barcelona,
 posto que logo vim a visitar-vos, após ter dado conta a el-
 rei do que passára.

JOÃO LOURENÇO

E que disse el-rei?

JOÃO AFONSO

Até que enfim alguma coisa há que não sabeis. El-rei ficou
 contente, pois já firmára pazes com Castela e prometera casar
 com D. Leonor, filha d'el-rei D. Henrique.

JOÃO LOURENÇO

(rindo) Como vêdes, el-rei D. Fernando não se embaraça de pa-
 lavras. As dele são de tirar e pôr. Aposto o meu castelo de
 Pombeiro, que ainda com essa Leonor se não casará.

BARCELOS

Tão mudável o julgais?

JOÃO LOURENÇO

Para um amator de mulheres e achegador a elas como el-rei,

duas Leonores é nada.

BARCELOS

Sempre trazeis alforje de bons ditos, João Lourenço! Isso vos dará grande fama em Lisboa. Sabei que a infante D. Beatriz, irmã d'el-rei, que tem D. Maria em grande apreço, lhe rogou que viesse buscar-vos, a vós e a vossa mulher, para vos iredes aposentar na côrte. A vós, dar-vos-à um honroso cãrrego e D. Leonor será sua privada.

JOÃO LOURENÇO

(a quem passou o bom humor) Grande honra é para mim o desejo da Senhora Infante. Mas os ares de Lisboa não me assentam bem.

BARCELOS

Tanto horror haveis ao Paço?

JOÃO LOURENÇO

Sem ofender-vos, senhor Conde e meu tio, - pois que sois cordo e assisado, e honrado fidalgo, ao revés de tantos, - a côrte é matilha com quem não me entendo. Antes me quero com os meus alãos.

JOÃO AFONSO

Mas não deveis privar Leonor de...

JOÃO LOURENÇO

(atalhando) D. Leonor estará onde eu estiver, ficará onde eu ficar. Demais a mais tem um nome perigoso: Leonor...

BARCELOS

(rindo) Sois terrível!...

JOÃO LOURENÇO

(erguendo-se) Sou sensato. Dizia-vos há pouco quanto me custaria se visseis D. Leonor em trajos de viúva. Mas antes morto, que torto...

F - C

BARCELOS

(com um gesto de contenção) Oh!...

V- destapa
SOM-3

CENA II

Sala de labor, com grande ventanal que dá para um terraço, no Castelo de Pombeiro. Leonor Teles, junto ao ventanal, mira com ar fechado em direcção ao Sul. Um pouco apartadas, duas áias, uma idosa Ignês Afonso) e outra jovem (Mafalda), costuram. Junto delas D. Álvaro, cachopo de dois anos, brinca com um cachorrinho. Ouve-se o tropel de dois cavalos, os pesados portões que se abrem, no pátio do castelo, em baixo, onde logo ressoam os passos dos cavalos. Leonor debruça-se, avista a irmã, acena-lhe com exuberante alegria.

LEONOR

F-C-

Maria!... (às áias) É minha irmã que chega! Depressa, depressa, trazei-ma aqui. (Inês vai a obedecer) Tu, não, que já estás trôpega: nem àmanhã cá chegarias... (à outra) Anda, vai tu. E avia-te! (Mafalda sai a correr) Ó Inês! Que alegria tornar a ver minha irmã! Vai falar-me do Paço, e de Lisboa, de tudo o que me falta nestes montes! Que boa ideia teve em vir! Vasco de Abreu, que saíu na montaria, acompanhou-a aqui... Mas não veio sózinha de Lisboa... Com quem terá vindo? E que novas me trará?...

MAFALDA

(entra) Senhora, aí está vossa irmã.

MARIA

(entra) Leonor!

LEONOR

Maria! Quanto folgo de ver-vos! (abraçam-se) Álvaro, vem

abraçar tua tia. pinhais. Odeio estas árvores, estes montes...

MARIA

Ih, como ele está crescido!... (péga-lhe ao colo) E pesado!...
(faz-lhe muita festa).

Se assim é, tende LEONOR de monteiro, como meu marido. Eu —

(impacienta-se, tirando-lhe o filho dos braços) Deixai-o e vinde cá. (entrega o filho a Inês Afonso) Levai o menino e ide vós também. Quero minha irmã só para mim e ser toda para ela. Ide-vos, ide-vos!... (as áias saem, levando o menino e o cachorrinho. Leonor péga nas mãos da irmã e obriga-a a sentar-se junto dela, nuns coxins) Vinde, senhora irmã. Contai-me novas da côrte. Como está el-rei? E a senhora infante?...

trovões. Parecem MARIA atambores, despedaçando o céu por

A senhora infante continúa a honrar-me com a sua estima: sou a sua privada principal. ra, não porque acalme a tempestade,

mas por que mando Leonor o que fulmine tudo isto?

E el-rei?

Leonor, como te e MARIA! Que desespero vão é o vosso!

El-rei ainda está mais gentil homem que quando o vistes, vai fazer um ano. E ele, se ora vos visse, também vos acharia mais gentil mulher.

LEONOR

(com forçado riso) Espero bem. Mal atentou em mim, da primeira vez. *Não tinha olhos senão para a irmã...*

ros de cavalo, af MARIA tros de pé e noções de cage. Dia que

Em verdade, que formosa estais, Leonor! São estes ares de Pombeiro, certamente. quando vai à cage, leva todas as manilhas

d'avós é cães que LEONOR dar podem. Não há por ali ave grande

(subitamente séria) Engano. Pombeiro mata-me. Morro de nojo,

nesta clausura de pinhais. Odeio estas árvores, estes montes...

partal... Para cá! MARIA *espero e fobres, leva el nos tantos*

Bem ledos os encontro eu, minha irmã.

per. Já vedes que LEONOR *marido se prazera ali muito, e vós*

Se assim é, tendes alma de monteiro, como meu marido. Eu -

odeio tudo isto! *SOM-4* *ouve-se aproximar o ruído dos monteiros*

que regressam) Ouves?... O latir dos cães, o grasnar dos fal-

cões, o tropel dos cavalos - eis a música que me acompanha,

dia após dia. Só alterna com ela o uivar do vento nas ramas,

ou o dos cães quando chove e o meu senhor não pode sair a

caçar, o que o põe a uivar também de raiva, tão fechado con-

sigo que não há quem o aguente. Minto: há ainda a música dos

trovões. Parecem grandes atambores, despedaçando o céu por

cima de Pombeiro. Mas dessa gosto eu. Quando a oiço, ponho-

me a rezar a Santa Bárbara, não porque acalme a tempestade,

mas por que mande um raio que fulmine tudá isto!

Tendes bem revêdi MARIA *vai-me para lá convosco.*

Leonor, como te encontro! Que desespero vão é o vosso!

(aparece) A isso LEONOR *irmã. E nesse tio, o conde de Bar-*

Vão, dizes bem. Esta vida de couteiro é o meu inferno na

terra. *ficaram com João Lourenço no monte, para lhe manifes-*

tarem o desejo de MARIA *era infante.*

Pois sabeis que em Lisboa não se sai menos de montaria. El-

rei é muito caçador e monteiro. Tem quarenta e cinco falcoei-

ros de cavalo, afóra outros de pé e moços de caça. Diz que

não terá descanso até que povõe em Santarém uma rua em que

haja cem falcoeiros. Quando vai à caça, leva todalas maneiras

d'aves e cães que se cuidar podem. Não há por ali ave grande

ou pequena que lhe escape, seja grou ou abetarda, pomba ou pardal... ~~Para coelhos, raposas e lebres, leva el-rei tantos cães, que não há covas que lhes valham, por multidão que sejam.~~ Já vedes que vosso marido se prazera ali muito, e vós menos, se desamais a caça tanto como dizeis.

LEONOR

Eu não desamo a caça. Mas a minha coutada é outra. Na côrte avondam trovadores e jograis, músicos e bailarins. Fala-se de tudo e de nada, entre damas e fidalgos. Entre eles acharei o aprazimento que meu marido - e el-rei - acham entre alãos e falcões, correndo o cerdo ou a raposa, ~~quando não - Santo Deus! - as pombas e os pardais.~~

MARIA

Jesús! Tanta falta vos faz a côrte?... Pois eu digo que mais falta lhe fazeis vós.

LEONOR

Tendes bom remédio: levai-me para lá convosco.

MARIA

(sorrindo) A isso venho, irmã. E nosso tio, o conde de Barcelos, e nosso irmão João Afonso, que comigo vieram de Lisboa, ficaram com João Lourenço no monte, para lhe manifestarem o desejo da senhora infante.

LEONOR

Maria! Maria, que dizeis?...

MARIA

Que a senhora infante me mandou a requerer-vos para junto dela, como sua privada, pelo muito que me quer e por saber a falta que me fazeis.